

— Não vejo relação nenhuma entre as pálpebras de Juno e as violetas, murmurou Constance. Esses poetas dos tempos de Isabel enxergavam demais. E serviu o chá. Depois: Não sabe se há por aqui uma segunda chave da cabana de faixões, perto de John's Well?

— É possível. Por quê?

— Descobri essa cabana por acaso. Um sítio encantador. Gostaria de sentar-me lá de vez em quando.

— E viu Mellors?

— Sim. Foi justamente o barulho do seu martelo que me fez descobrir a cabana. Estava a fazer reparos. Não gostou nada da minha presença. Mostrou-se até grosseiro quando lhe perguntei se tinha uma segunda chave.

— Que lhe disse ele?

— Nada. Falo dos modos dele. Disse depois que isso da segunda chave, só aqui com você.

— Talvez esteja no escritório de meu pai — há lá muitas. Betts as conhece todas. Falarei com ela. Com que então o Mellors mostrou-se grosseiro?

— Oh! Não vale a pena falar nisso, mas creio que não lhe agrada que tenha ingresso livre naquela fortaleza.

— Há de ser isso.

— Mas por quê? A cabana não é dele — não é sua casa particular. Não vejo que eu não possa lá ir de vez em quando.

— Claro. Aquele homem pensa muito alto de si mesmo.

— É assim?

— Positivamente. Julga-se qualquer coisa de excepcional. Foi casado com uma mulher com a qual nunca se entendeu — e por isso deu com os costados nas Índias, em 1915, segundo creio. Andou como ferreiro da cavalaria egípcia durante algum tempo; entende muito de cavalos. Um coronel do exército gostou dele e o fez subtenente. Sim, chegou a oficial. Depois caiu doente e voltou. Está pensionado. Deixou o exército há coisa de um ano — e para um homem como ele não é fácil voltar ao nível donde saiu. Faz bem a sua obrigação — mas não consigo ver nele o tenente Mellors.

— Como o elevaram a oficial? Ele ainda fala dialeto...

— Oh! Só fala em dialeto quando quer — conhece muito bem o inglês. É que, tendo voltado ao lugar donde saiu, achou melhor adotar o dialeto dos seus iguais.

— E por que não me contou isso antes?

— Oh! Estas histórias romanescas entediam-me. Constituem a ruína da ordem. Antes mil vezes não existissem.

Constance mostrou-se disposta a pensar da mesma maneira. Para que servem esses descontentes que não se acomodam bem em parte alguma?

O tempo continuava firme. Clifford resolveu dar também seu passeio pelo bosque. Ventava frio; mas de suportar-se e o sol estava cheio de vida.

— É extraordinário como mudamos com um tempo destes, observou Constance. Em regra o ar daqui parece morto. A maldade das gentes mata o próprio ar.

— Acha?

— Sim. A onda de tédio, de descontentamento, de cólera que sai das criaturas destrói a vitalidade do ar. Sinto-o.

— Ou é o estudo do ar que mata a vitalidade das gentes?

— Não. Quem envenena o universo é o homem.

— Envenena seu próprio ninho, rematou Clifford.

O carrinho avançava. No bosque de aveleiras cachos de ouro velho pendiam, e nas manchas de sol as anêmonas desabrochavam, como extasiadas da alegria de viver — como outrora os homens, quando se extasiavam com elas. Leve perfume da flor das macieiras no ar.

Constance colheu algumas para Clifford, que as tomou com curiosidade e citou um verso de Keats: "Ó tu, esposa inviolada da quietude..."

Aquilo convinha tanto àquelas flores como a outra citação aos vasos gregos.

— Violar: palavra horrível, observou Constance. São os homens que violam as coisas.

— Não sei. Os caramujinhos.

Os caramujinhos comem as flores, e até as abelhas não as violam.

Ela se irritava com aquela maneira de reduzir tudo a palavras. As violetas eram as pálpebras de Juno; as anêmonas eram esposas invioladas. Constance detestava essas fra-